

TATUAGENS

Ricardo Hofstetter é um premiado escritor, dramaturgo e roteirista (TV Globo) e faz mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-RJ. Seus livros mais recentes são “A Transilvânia é o Catete” (Ed. KBR) e “Tá falando grego?” (Ed. Rocco), este último finalista do Prêmio Jabuti deste ano na categoria Juvenil. Ganhou em 2004 o Prêmio Shell de melhor texto teatral com a peça “Geraldo Pereira, um escurinho brasileiro”. Maiores informações no site do autor (www.hofstetter.com.br). Contatos pelo e-mail: contato@hofstetter.com.br.

Casamento e tatuagem: duas coisas para a vida toda, até que a morte os separe. Mas, quando jovens, achamos que a morte é uma coisa tão distante e improvável quanto o fim do mundo; por isso aceitamos casar e nos tatuar. Podemos fazer milhares de paralelos entre casamento e tatuagem: que é um grude, que a gente sempre se arrepende, que acabamos traindo nossas promessas de fidelidade e de nunca mais fazer outra. Mas paralelo é coisa pra geógrafo e matemático. Melhor uma narrativa. Com humor, melhor ainda.

Lolô tinha dezenove anos quando começou a namorar o André. Em poucos meses, concluiu que ele era o homem de sua vida e aceitou sua sugestão (sugestão do André) de tatuar seu nome (nome do André) em sua barriguinha (barriguinha da Lolô). Como o André dizia:

— Vai ser bom fazer amor com o meu nome na tua barriga, Lô. Vou me sentir em casa, entende?

Lolô entendeu e fez a tatuagem com o Carlão, que se autoproclamava o melhor tatuador do Cosme Velho (era, pois não havia outro no bairro à época). Um ano depois, arrasada, Lolô percebeu que André não era o homem de sua vida e terminou o namoro. Conheceu Alexandre e concluiu que agora sim encontrara sua alma gêmea. O problema é que toda vez que faziam amor, o Alexandre broxava:

— Não dá Lô! Como é que eu posso transar com você, vendo o nome de outro na tua barriguinha?

Lolô correu no Carlão, implorando que ele apagasse a tatuagem. Carlão disse que era impossível, tinha avisado:

— Tatuagem é pior que casamento, nem Deus desfaz.

Além de ser o único tatuador do Cosme Velho, Carlão era também um caretão.

— E o que eu faço, Carlão?! O Alexandre não consegue transar comigo com o nome do André na minha barriguinha!

Carlão se iluminou:

— O teu novo namorado se chama Alexandre?!

— Chama.

— Então está resolvido: eu tatuo um “Alex” na frente do “André”!

— Mas e o acento agudo no E? — Perguntou a angustiada Lolô.

— Transformo numa flor! Que flor o Alexandre gosta?

Lolô ligou para o namorado e perguntou que flor ele mais gostava. Meio sem entender, Alexandre respondeu que margarida e Lolô não explicou mais. À noite ele ia entender.

O trabalho ficou perfeito. Nem se percebia que um remendo havia sido feito. Carlão era mesmo um bom tatuador. Alexandre adorou. Tanto que naquela noite o sexo foi frenético.

Com o tempo, porém, Lolô foi percebendo que o desânimo sexual de Alexandre no início do namoro não era só por causa da tatuagem. O novo namorado era naturalmente desanimado para a coisa e Lolô, aos poucos, foi percebendo que ele também não era o homem de sua vida. Três meses depois terminaram.

A vida amorosa de Lolô se transformou num inferno de Dante. Só podia namorar Alexandres que gostassem de margaridas. Todo sujeito que conhecia, a primeira coisa que perguntava era o nome. Não sendo Alexandre, desanimava. E, infelizmente, ela só conhecia Joões, Antônio, Pedros, Marcos, Lucas, até um Washington. Não prestava.

Mas a paixão é mais forte que tudo, incluindo casamentos e tatuagens. Um certo Carlos Eduardo praticamente invadiu a vida e o coração de Lolô. Sem forças para resistir (e numa carência sexual de mais de ano) ela aceitou a invasão.

Antes da primeira noite, Lolô correu no Carlão, mas o tatuador já foi dizendo que era impossível:

— Como é que eu vou transformar “Alexandre”, com uma margarida em cima do E, em “Carlos Eduardo”?!

Uma lágrima no olho de Lolô comoveu Carlão:

— Bom... eu posso fazer uma tatuagem bem grande por cima, um dragão, por exemplo.

Lolô não gostou da idéia. Sua barriguinha linda ficaria tomada por uma enorme tatuagem de dragão?!

— Enorme e escura, pra esconder bem o nome e a margarida. Pode ser também uma espada, uma caveira, uma águia, uma borboleta, uma papoula...

Lolô não gostou de nenhuma ideia. Não queria sua barriguinha transformada num muro pichado. Carlão parecia disposto a ajudar:

— Esse Carlos Eduardo, como ele é?

Lolô informou que o novo namorado era lindo, alto, moreno e muito religioso. Carlão se iluminou:

— E se a gente escrevesse um trecho da Bíblia com a palavra “Alexandre”? O cara é religioso, vai gostar.

— Mas existe passagem da Bíblia com a palavra “Alexandre”?

Carlão achava que sim:

— A Bíblia tem mais personagens que toda a literatura mundial junta. Algum Alexandre deve ter.

Pegou duas Bíblias, deu uma a Lolô e começaram a procurar. No Velho Testamento não encontraram nada, mas no Novo Carlão achou alguns trechos: “e Anás, o sumo sacerdote, e Caifás, João, Alexandre, e todos quantos eram da linhagem do sumo sacerdote”.

— Isso não faz sentido, Carlão! Vou escrever uma loucura dessas na minha barriguinha?! — Reclamou Lolô.

Continuaram a procurar, mas só encontravam frases que, fora do contexto, não faziam sentido. Carlão cismou que uma delas resolveria o problema: “Alexandre, o latoeiro, me fez muito mal; o Senhor lhe retribuirá segundo as suas obras.” Lolô continuava não vendo sentido, mas Carlão, de saco cheio, inventou um:

— Saca só, Lolô, você vai explicar o seguinte pro Carlos Eduardo: diz que namorou um Alexandre aí que te fez muito mal. Aí você se apegou a Deus e mandou tatuar essa passagem da Bíblia na tua barriga, como um alerta para os próximos namorados.

— Alerta?!

— É, pra que eles não sejam canalhas como o Alexandre foi com você. O Carlos Eduardo vai amar. Tenho certeza.

Na falta de coisa melhor, Lolô aceitou a sugestão do Carlão. E não é que funcionou? O Carlos Eduardo amou o fervor religioso de Lolô ao tatuar na barriga um trecho da Bíblia. Chegou a pensar em fazer o mesmo.

Os dois ficaram juntos três anos, até pensaram em casamento, mas, a meio caminho do altar, um certo Arnaldo cruzou a vida de Lolô. Amor à primeira vista. Agora sim ela tinha certeza de que encontrara o homem de sua vida. Arnaldo era carinhoso, inteligente, adorava ler, praticamente um intelectual. Lolô largou Carlos Eduardo e antes da primeira transa, correu no Carlão, que já não era o melhor tatuador do Cosme Velho (a concorrência começara no bairro), implorando que ele retirasse o trecho da Bíblia de sua barriga:

— O Arnaldo é agnóstico.

Carlão não era muito letrado:

— E não tem cura?

Lolô explicou que Arnaldo era um intelectual, adorava ler e odiava religião. O que fariam com aquele trecho da Bíblia?

Para evitar aporrinhção, Carlão já veio com a solução pronta:

— Vamos te tatuar toda com frases, citações, palavras soltas, fazer uma espécie de jogral no teu corpo. O Arnaldo gosta de ler é, intelectual, vai adorar.

Lolô aceitou a sugestão e foi tatuada do pescoço aos pés, virou praticamente um dicionário ambulante, a primeira colagem literária viva. Arnaldo adorou. Os dois se casaram e estão juntos até hoje. E, quando não quer fazer sexo, Arnaldo fica lendo a Lolô.